

DIDÁTICA DO ENSINO DE ADMINISTRAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES
DIDACTICS OF TEACHING IN ORGANIZATIONS' MANAGEMENT

Maria Cristina Sanches Amorim¹, Flávio Morgado²

O ensino é uma preocupação antiga da civilização ocidental (provavelmente, das demais também, porém, não lhes conhecemos a história). Sócrates, referência imprescindível nas discussões sobre o tema, viveu no século 5 a. C. Desde então, importantes teóricos das mais variadas áreas do conhecimento continuam discutindo o que é o ensino, quais as melhores formas de ensinar, como se dá a aprendizagem, como avaliar, entre tantas outras questões importantes.

A primeira decorrência dos 2.500 anos de discussões propostas por ilustres autores é que qualquer debatedor contemporâneo deveria assumir postura modesta e abrir mão da expectativa de encontrar soluções definitivas para perguntas tão antigas e ser muito cuidadoso em qualificar esta ou aquela proposta de educação como inovadora.

Neste texto defendemos a tese de que a formação de professores para o ensino de administração das organizações é um fenômeno complexo, literalmente. Fenômenos complexos produzem problemas complexos, ou seja, com várias causas simultâneas apenas parcialmente conhecidas pelo observador e não admitem solução única, muito menos, solução ótima (aquela que contenta igualmente todos os agentes envolvidos). Um problema complexo não é sinônimo de insolúvel, mas de várias possibilidades de solução (cada uma com restrições culturais, tecnológicas, econômicas, etc.) cabendo a quem de direito decidir.

Nossos argumentos para defender esta tese: o professor de administração defronta-se com tantas realidades (alunos, conteúdos programáticos, instituições, etc.) quantas forem suas experiências; cada professor tem personalidade e estilo próprios, é pouco provável que possa utilizar quaisquer técnicas de ensino com a mesma motivação e desenvoltura; ensinar exige compreender como se dá a aprendizagem de cada grupo, portanto, cabe ao professor flexibilidade para ajustar as técnicas de acordo com a realidade dos alunos, ainda que não tenha infinita capacidade de adaptação (não há quem tenha).

Assim, sugerimos, a partir da nossa experiência como professores, coordenadores e do exame da literatura sobre didática do ensino em administração quatro cursos de ação, nesta ordem. Primeiro, levar à compreensão do conhecimento em administração das organizações: relações entre teorias e práticas, componentes ideológicos, natureza multidisciplinar, história dos cursos, modismos. Segundo, propiciar

entendimento sobre o sistema de ensino superior no Brasil e o perfil do aluno de administração (ver-se-á o quanto este perfil é heterogêneo, reforçando um dos argumentos de nossa tese). Terceiro, escolher uma referência teórica além da didática para estudá-la: o tema pode ser abordado a partir de muitíssimas referências, como por exemplo filosofia, psicologia (e cada uma de suas correntes teóricas dá respostas diferentes), ciência da cognição, sociologia, retórica (parte do grande conjunto da filosofia), neurobiologia, ciência da informação, etc. São tantas as possibilidades e tão limitado o tempo de uma disciplina que recomendamos escolher uma abordagem por vez, explorando-lhe as possibilidades e limites, evitando juntar teorias cujos pressupostos frequentemente são antagônicos. Quarto, finalmente examinar a literatura sobre didática do ensino aprendizagem e as diversas técnicas disponíveis à luz da referência teórica escolhida. No mundo dos modelos e técnicas temos estudo de caso, jogos de empresas, aprendizagem baseada em problemas, educação à distância, aulas expositivas, aprendizagem participante, aprendizagem vivencial, sistemas de gerenciamento de aprendizagem, ambientes complexos de aprendizagem, formação baseada em competências, cognição situada, instrução ancorada; a lista tende ao infinito, portanto, basta de exemplos.

Em junho de 2014 foi homologado o parecer com a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o curso de graduação em medicina, definindo com um de seus objetivos “aperfeiçoar médicos para atuação nas políticas públicas de saúde do País e na organização e no funcionamento do SUS” (Lei 12.871-2013, artigo 1º, inciso VII). Ensinar administração de organizações a estudantes de medicina é desafio peculiar. Esperamos que nosso texto possa colaborar para o desenho de trilhas úteis na formação de professores de gestão para os profissionais do sistema de saúde brasileiro.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 17, n. 3, p. 169, 2015

1. Professora, ex-coordenadora de cursos de graduação e pós-graduação, responsável pela disciplina “Didática do Ensino em Administração” do Programa de Pós-graduação em Administração - PUC-SP.

2. Coordenador do curso de Sistemas de Informação e professor de “Gestão em Saúde” do Programa de Pós-graduação em Educação nas Profissões da Saúde - FCMS/PUC-SP.

Recebido em 20/8/2015. Aceito para publicação em 24/8/2015.

Contato: cris.amorim@puccsp.br